



Uma vista de Caen

É a datar do anno 912, época em que Carlos, o Simples, cedeu a Neustrie aos normandos, que se póde fallar a respeito de Caen com alguma verdade historica.

Parece que trinta e tres annos depois d'aquella data, esta cidade tinha já grande importancia na occasião em que teve lugar a entrevista de Ricardo I, duque de Normandia, com Luiz IV, rei de França, tendo sido esta cidade citada n'uma chronica antiga, como sendo uma das melhores da provincia.

O viajante que visita a cidade de Caen fica maravilhado pela regularidade das suas ruas, boas casas e bellos monumentos, e ainda que estes sejam quasi do estylo gothico, teem comtudo uma apparencia que surprehende, attendendo á época em que foi fundado um tal genero de architectura; esta vantagem porém é devida á qualidade e belleza das pedras que empregam nas suas edificações, pedras que tiram das vastas pedreiras que possuem, e que são um manancial de riqueza para o paiz.

Não admira portanto, que, pela maior parte, os habitantes das planicies de Caen, collocados no centro de tão abundantes materiaes, tenham dirigido a sua industria de modo a empregal-os; e por isso é bello ver partir todas as primaveras numerosas colonias de operarios, que vão para diferentes pontos do paiz empregar-se em grandiosas e magnificas construcções, e quando a estação invernososa os obriga a fechar o cyclo dos seus trabalhos voltarem e trazerem a suas mulhe-

res e filhos as economias do salario ganho durante a sua ausencia.

O tempo e os esforços sempre crescentes da população ajuntará talvez ainda um novo ramo á sua industria, porque existe nos arredores de Caen muitas pedreiras de marmore, que egualam as de que tanto se orgulha o meio-dia da França. Admiram-se ali rochas consideraveis e ricas das mais brilhantes cores. Foi das pedreiras de Vieux, outr'ora exploradas, que o cardeal Richelieu fez tirar todo o marmore que se empregou na construcção da capella de Sorbonne. As antiguidades encontradas nas visinhanças de Caen provam que os Romanos, que amavam os materiaes duraveis, não despresaram estes marmores, que alguns teem abandonado por serem mui frageis.

Dizem as chronicas antigas que o principe Guilherme, designado como grande promotor de edificações, aproveitou bem os abundantes materiaes e os bons operarios que a população lhes offerecia, mandando construir as abbas de Santa Estephania e da Santissima Trindade, das quaes se vê parte na nossa gravura.

O porto de Caen, em parte tambem representado na gravura, é assás insignificante, por não poderem entrar n'elle embarcações além de 200 tonelladas, e todo o commercio maritimo d'esta cidade está monopolizado nas mãos de tres ou quatro negociantes.

Ha tres seculos que existe um projecto, desenvolvido por Mr. Vauban, para melhorar a navegação difficil até hoje, em consequencia dos peri-

gos da entrada do Orne, e ainda em 1740 o distincto academico Mr. Duhamel, ajudado por um dos habitantes de Caen, Mr. de La Londe, demonstrou que a execução era facil e pouco dispendiosa, e que havia de trazer ao paiz immensas vantagens; apesar d'isto, porém, ainda hoje existe no mesmo estado.

Mais delidamente fallariamos a respeito da cidade de Caen, disgnando as causas que dificultam a navegação do seu rio; mas o espaço é limitadissimo e por isso resumimos para deixar lugar a outros assumptos por ventura mais interessantes para os leitores do nosso semanario.

OS DUELLOS NA GROELANDIA

Os groenlandezes não se servem de pistolas nem de espadas para se desaffrontarem das offensas que lhes fazem. Eis aqui os meios singulares a que recorrem.

O offendido compõe uma satyra contra o seu adversario, e recita-a até que as mulheres e domesticos de sua casa a saibam de cór, depois annuncia que deseja encontrar-se publicamente com o seu inimigo n'um logar que lhe designa; o encontro tem logar, o offendido canta a satyra, acompanhando-a de tambor e do córo que com elle fazem os seus amigos; dirige fortes epigrammas ao seu adversario e procura fazer rir o publico á custa d'elle. O offensor, quando lhe toca a sua vez, trata de tirar a desforra, diligenciando attrair para o seu lado os que d'elles se riram, sendo sempre applaudido pelos seus partidarios. Cada um d'elles falla muitas vezes e a assemblea, constituída pelo grupo de individuos que se reune, conclue por dar rasão áquelle que se mostra melhor poeta e mais picante.

NOÇÕES ELEMENTARES ACERCA DAS BEBIDAS, DEBAIXO DO PONTO DE VISTA DA FISCALISAÇÃO—NO INTERESSE DA SAUDE

Medicina administrativa e legislativa. Policia hygienica. Pelo sr. J. F. de Macedo Pinto.—Leçons de chimie élémentaire... Par M. J. Girardin.

Aproveitando a solida doutrina das duas obras que deixo indicadas, venho apresentar mui resumidamente algumas noções elementares a respeito das bebidas, sob o aspecto das conveniencias da saude.

São estas noções summamente instructivas, e do maior interesse geral, visto como se referem á saude,—a respeito da qual repetirei muitas vezes as judiciosas e mui significativas expressões de D. Francisco Manoel de Mello, nas suas *Cartas Familiares*: «Muito me alegre, com que V. S.^a tenha boa saude, que he a consciencia corporal; pois estando aggravada, não ha que tratar da vida.»

O abastecimento e pureza das bebidas, e principalmente das de primeira necessidade, requerem tamanha sollicitude policial, como os dos alimentos.

A primeira bebida, a *agua*, demanda cuidados muito rigorosos, no que toca á prohibição do

uso da de ruim qualidade, e á fiscalisação da limpeza das fontes, cisternas, poços, e conservação da pureza da dos rios.

Emquanto ás *bebidas temperantes*, deve ser fiscalisada a natureza e aceio dos utensilios, bem como a preparação das mesmas, e a qualidade dos ingredientes.

É obvio o quanto deve merecer de cuidados a fiscalisação sobre as alterações espontaneas, e maiormente sobre as adulterações dos *vinhos*.

O sr. Macedo Pinto apresenta noticias muito valiosas, debaixo do ponto de vista hygienico e medico ácerca dos *vinhos do Douro, da Beira, da Bairrada, do Minho, da Extremadura, do Alentejo, do Algarve, da Madeira e dos Açores*.—No que respeita á acção dos nossos *vinhos*, diz que nos do Douro predomina a acção tonico-excitante; nos da Madeira e de Lisboa a excitante; nos do Minho a temperante; e nos restantes a adstringente, mais ou menos tonica.

Considera ser de urgente necessidade, que se proceda ao estudo e ensaio chimico dos nossos *vinhos*, afim de melhor se determinar seu valor hygienico, e se differencarem os processos de beneficiação, que convem permittir, das sophisticções nocivas á saude, que devem ser punidas severamente. Este estudo, em que tambem vae do interesse do commercio e da fabricação de *vinhos*, já começou a merecer a attenção do governo, como se vê da portaria circular de 14 de setembro de 1860, e das instrucções que a acompanharam. Entende, porém, o auctor que são insufficientes os meios apontados naquella circular; pois que a colheita das principaes variedades de *vinho*, e a acquisição dos necessarios esclarecimentos, só podem ser desempenhados por uma commissão technica, que vá estudar as localidades viticultoras. Por outro lado, as collecções de variedades de *vinhos*, só poderão representar bem as qualidades destes, se continuarem a ser tratados pelos processos dos lavradores e commerciantes.

Largamente falla das alterações espontaneas, das adulterações, e da preparação dos *vinhos*. O que diz a tal respeito merece ser lido com attenção, por muito instructivo, e de grande utilidade pratica.

Sobre a questão especial dos *vinhos do Douro*, na qual o nosso auctor se decide pela liberdade de commercio, apresenta uma noticia de um grande numero de escriptos,—trabalho bibliographico de summa utilidade para os que pretenderem estudar bem essa questão, e em geral a de todos os nossos *vinhos*.

Com grande prazer vi que o auctor tomou nota de uma asserção de J. James Forrester (depois barão de Forrester), relativa a Portugal em pontos de variedades de *vinhos*. Forrester, que muito attentamente estudára a viticultura portugueza, dizia: *Não ha qualidade ou variedade de vinho, que não possa obter-se em Portugal*. Esta opinião, que, por muito auctorizada, abraçamos sem hesitação, demonstra-se á priori pela diversidade do clima dos nossos districtos vinhateiros.

A questão das adulterações dos vinhos é de summa transcendencia; consola, porém, o coração a certeza de que a chimica subministra todos os meios de descobrir e reconhecer as fraudes, com que a malvadez e o sordido interesse os viciam. O que é necessario? Sollicitude da parte das authoridades policiaes, condignamente remuneradas pelo grande beneficio de obstar a prejuizos incalculaveis da saude das classes laboriosas.

* A *cerveja*, de que os povos do norte fazem tão consideravel uso, poderia, nos annos de escacez de vinho, substituir esta ultima bebida, por ser nutriente, e menos excitante.

Nas *Lições* de M. J. Girardin diz-se que o uso da *cerveja* é são, nutritivo, e contribue para fazer engordar, como se vê do que succede aos Flamengos e Hollandezes. É uma bebida preferivel para creanças, e para pessoas magras e fracas. Cumpre evitar as *cervejas* fortes, mal preparadas, em extremo fermentadas, — e só beber de ordinario as *cervejas* de recente fabrico, claras, leves, e em pequena quantidade carregadas de acido carbonico.

Opina o nosso auctor, depois de mencionar as alterações e falsificações a que está sujeita esta bebida, que o seu fabrico e venda devem despertar uma fiscalisação rigorosa.

* *Cidra*. Sendo bem preparada, é uma bebida saudavel, mais ou menos excitante, segundo a quantidade de alcohol que contem. — A *cidra*, em contacto com o ar, entra mais facilmente na fermentação acida, que na putrida; mas, em qualquer destes estados deve ser regeitada como nociva á saude. — Esta bebida, que, como é sabido, se faz de maçãs, generalisou-se na Normandia desde o seculo XIV, passou depois a ser usada em toda a França, e mais tarde na Inglaterra, na Allemanha, na Russia e na America; no entanto, é ainda hoje em algumas fazendas da Normandia, que se fabrica a *cidra* mais perfeita. — A qualidade desta bebida depende essencialmente da natureza dos fructos que se empregam. A escala em que as maçãs dão o sumo mais proprio para esta bebida, é a seguinte: maçãs amargas, ou de gosto acre; maçãs doces; maçãs azedas; — e no que respeita ao seu estado de madureza, ha tres classes: 1.^a maçãs *temporãs*, ou da 1.^a estação, amadurecem em setembro; *medias*, 2.^a estação, amadurecem em outubro; *serodeas*, 3.^a estação, amadurecem em novembro. (*Lições*, citadas).

O nosso auctor opina, que, sendo nós tão ricos de fructas, poderíamos fabricar diversas variedades de vinho das mesmas.

A este proposito citarei o vinho de peras, que os Francezes chamam *poiré*, e que está em uso, não só em França, mas tambem na Hespanha, na Allemanha, na Russia, em algumas regiões da Africa, e na America do Norte. As peras fornecem metade mais de sumo do que as maçãs, e de particulas saccarinas; e daqui resulta ser a bebida muito mais alcoolica do que a *cidra*. — Geralmente attribue-se-lhe uma acção prejudicial sobre o systema nervoso; é menos nutriente, e

mais irritante do que a *cidra*; é mui forte quando velha, e embriaga de prompto os que a não tomam habitualmente. (*Lições*, citadas.)

Aguardente. Como sabem os leitores, chamam os francezes a esta bebida — *Eau-de-vie* —; e a tal proposito diz M. Girardin, que fôra mais proprio chamar-lhe = *Eau-de-Mort* —, em rasão das graves desordens que o uso muito frequente da mesma opéra em diferentes populações. A *aguardente*, mais ainda do que ás guerras e ás crueldades dos Europeus, deve ser attribuida a tão rapida extincção dos infelizes indigenas da America. (Nós conservamos o nome de *agua ardente* que foi empregado no seculo VIII, e os francezes adoptaram a traducção do *aqua vitæ* da idade media, considerada então como panacea, que até remoçava os velhos, e prolongava a vida).

Pois que o nosso intuito é fazer um trabalho util, julgamos ser indispensavel reproduzir aqui a pintura dos estragos que o immoderado uso das bebidas alcoholicas faz no corpo humano, tal como a apresenta M. Girardin.

Estatisticas, bem averiguadas, provam que o numero das pessoas que succumbem annualmente aos estragos do alcohol, se eleva a 50:000 na Inglaterra, e a 100:000 na Russia; mas antes de perecerem, pagam as infelizes victimas um tributo de padecimentos que atormentam a sua vida, e os tornam uma morte antecipada.

As agoasardentes excitam fortemente as glandulas da boca e a mucosa do estomago. Torna-se mui abundante a secreção, e embota-se a sensibilidade; com esta desaparece tambem o gosto, e tanto assim, que não é raro verem-se alguns homens passar de um licor suave para outro mais forte, e chegarem insensivelmente a não encontrar sabor algum no alcohol puro e no absintio.

Por effeito destas bebidas tornam-se espessas as mucósas, os tecidos, o cerebro e o systema nervoso — cujas ramificações correm por todo o corpo, desorganizam-se, e o individuo contrahe um estado morbido, que em breve se torna chronico. Então manifestam-se todos os effeitos da doença: o tremor dos membros, o enfraquecimento da força vital; curva-se o corpo, os cabellos fazem-se brancos, e na idade de quarenta annos o homem é já um velho. «O alcohol, diz M. Liebig, por effeito da sua acção sobre os nervos, é uma especie de letra de cambio, saccada sobre a saude do operario; necessita sempre de a renovar, porque não pôde pagal-a no dia do seu vencimento; e assim vae consummando a *bancarota* do seu corpo.»

No entanto, como diz o sr. Macedo Pinto, esta bebida excitante, posto que seja menos saudavel do que o vinho, é proveitosa em alguns casos, tomada com moderação.

Entrando em considerações do interesse geral do nosso paiz, pondera que dos nossos vinhos destillavamos outr'ora uma grande porção, que fornecia *aguardente*, não só para a beneficiação dos vinhos de superior qualidade, senão tambem para bebida, para outros muitos usos, e até para

exportar. Depois que escaeceu o vinho, começou a vulgarisar-se a distillação de certas fructas, como figos, medronhos, ameras, ameixas, cerejas, etc.; mas ficámos muito áquem do desenvolvimento que essa industria pôde ter. Dando-se maior extensão á distillação das fructas e da canna de shorgo (*Holcus saccharatus*), poderíamos ter grande copia de agoardente, e a tal ponto, que nos seria dado escolher a melhor para bebida, e reservar a outra para varias applicações industriaes.

É extraordinario o numero de substancias a que se tem recorrido, por esse mundo e nestes ultimos tempes, para conseguir o alcohol: as tamaras, os figos, a raiz de mandioca, ameixas, milho, centeio, trigo, castanhas, batatas, amoras, shorgo, beterrava, arroz, etc. etc.; aproveitando cada povo as producções naturaes de suas diversas localidades para um tal destino.

Depois de mencionar as falsificações de que a aguardente é susceptivel, termina o sr. Macedo Pinto opinando, que o governo deve fomentar a industria das aguardentes, fazer qualificar as proprias para bebidas, fiscalisar o seu fabrico, e obstar ás falsificações.

Licores. Demandam mais rigorosa fiscalisação do que as aguardentes, por isso que encobrem mais as falsificações a que aquellas estão sujeitas, — ou seja pelas substancias irritantes que lhes ajuntam, ou sejam pelas substancias venenosas, com que procuram dar-lhes melhor apparencia e côr.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

UMA OBRA DO SECULO IX

(Continuado de pag. 8)

76. O já referido Abadella, não cessa de pedir a paz e amizade a nosso rei, mas ainda não sabemos o que Deus fará.

ENTRADA DOS SARRACENOS EM SPANIA

77. Como já dissemos acima, reinando o godo Roderico em Spania, moveu-se discordia entre os filhos do rei Vitizano, que desejavam destruir o reino com o auxilio dos Sarracenos que haviam entrado em Spania no terceiro anno do reinado de Roderico no dia III dos idus de novembro. Era DCCLII. Na occasião reinava em Africa Ulit Amisalmuminin, filho de Abdelmelic, e corria o anno C dos Arabes. O primeiro que entrou em Pavia com o mais escolhido dos mouros, foi Abzuhura, que estava ás ordens de Musa, general em Africa.

78. No anno seguinte entrou Jarik. No terceiro, continuando a guerra de Jarik com Roderico, entrou Muza-Iben-Muzeit, e então acabou o reino dos Godos, sua honra e sua gloria pelo terror e pelo ferro. Do fim do rei Roderico, nada se sabe até hoje.

GUERRA NA AMERICA MERIDIONAL

A seguinte nota é extraída da noticia que Mr. Theodore Lacordaire dá da sua viagem a Buenos-Ayres e á republica Argentina:

«Estima-se em setenta mil cabeças de gado bovino, o consumo que, em 1829, fez o exercito

federal, composto de dez mil homens, o qual bloqueou Buenos-Ayres por espaço de cinco mezes, pouco mais ou menos. Para comprehender isto, é preciso conhecer os usos desordenados d'esta tropa, em identicas circumstancias. Matam um boi, mas se não o acham ao seu gosto, põem-no de parte, tirando-lhe as partes mais delicadas; e depois continuam esta faina até encontrar um que satisfaça os seus desejos.

«O numero de cavallos destruidos no mesmo espaço de tempo foi ainda mais consideravel. O campo, a quinze leguas de circumferencia da cidade, estava juncado de cadaveres, e a cada passo se encontravam alguns ainda expirantes, que nem sequer tinham força para tocar na herva, no meio da qual estavam deitados. O máo tratamento que lhes dão faz que morram aos milheiros no decurso de uma campanha, por curta que seja, e o exercito é obrigado a ter sempre em reserva grande numero d'elles para substituir os que succumbem. Durante a guerra do Brazil, o exercito patriota, composto de seis mil homens, tinha constantemente quasi trinta mil cavallos á sua disposição, e ainda assim, muitas vezes, difficilmente se executavam as suas operações por não haver numero sufficiente para o serviço.

«O exercito em campanha recebia a ração d'um boi por cada cincoenta homens (os bois tem, pouco mais ou menos, o mesmo peso que os de França) tal é, ao menos, a que em 1829 deram a um destacamento de oitocentos homens, acampados na provincia de Montevideu, durante a guerra com o Brazil.»

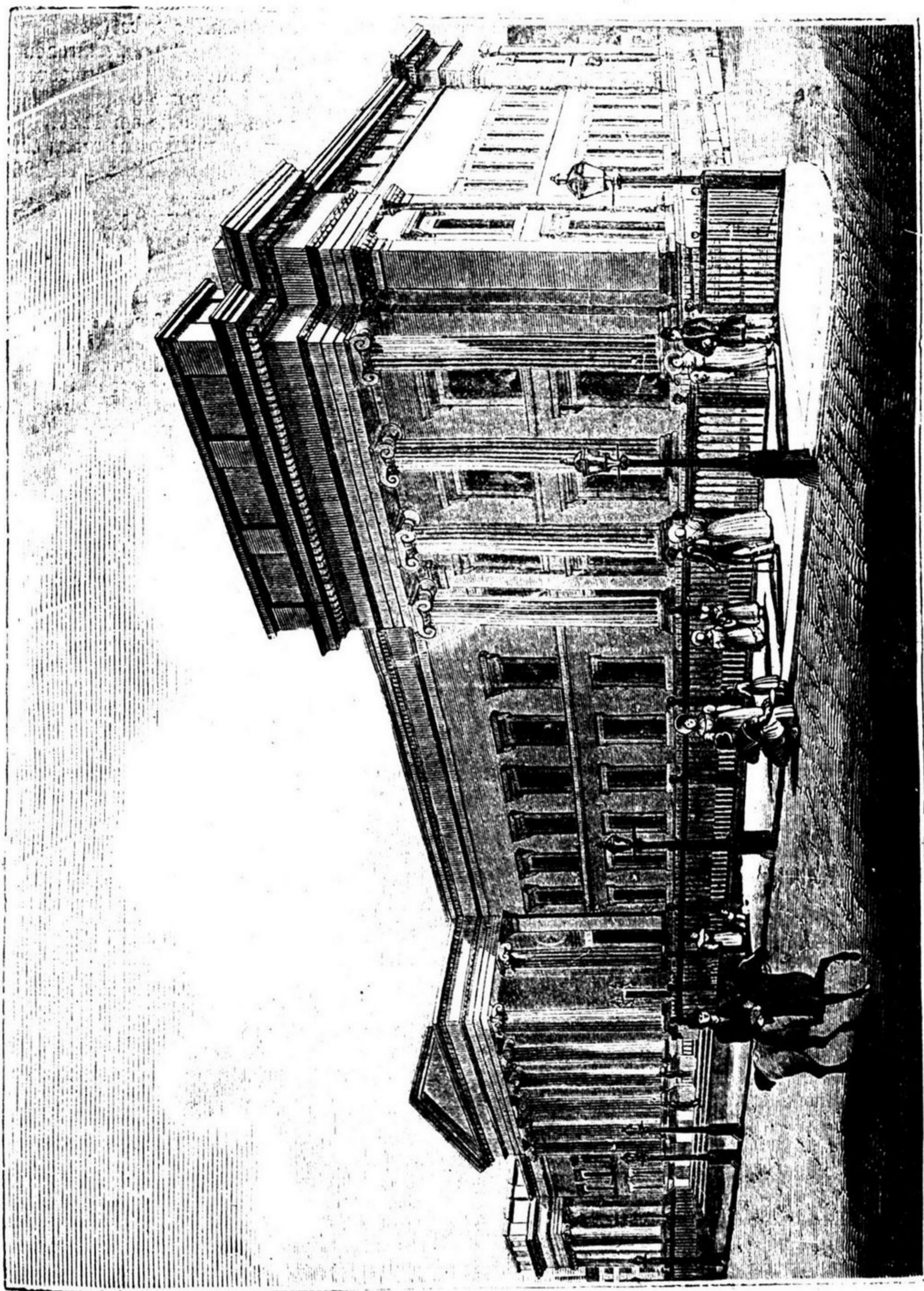
ABALOS DE TERRA NAS ILHAS JONIAS

Em uma nota, que ha tempo foi enviada á Sociedade Real d'Edimbourg, o doutor John Davy dá a explicação seguinte a respeito dos tremores de terra, tão frequentes nas ilhas Jonias, e que não suppõe ligados a phenomeno algum vulcanico. Attribute estes abalos á absorpção consideravel de agua do mar que penetra no interior das terras pelas camadas de marne, e que augmentam constantemente o volume d'estas camadas. Um facto, diz elle, parece confirmar esta hypothese, é que os abalos se manifestam unicamente nos pontos mais baixos e sobre os terrenos marnosos, e nunca nos pontos em que o solo assenta sobre rochas solidas.

PROGRESSO DAS SOCIEDADES DE TEMPERANÇA

Quando se formaram as sociedades de temperança em Inglaterra e nos Estados Unidos, o consumo das bebidas alcoolicas diminuiu de tal modo que se fecharam muitos estabelecimentos. Calculou-se que, na America, se tinham filiado n'esta sociedade 1.500:000 individuos; que foram supprimidos 4:000 distilladores de agoardente, e que 8:000 commerciantes de licores eliminaram o distico das suas taboletas. Sobre mais de 1:200 navios, que entravam n'aquelle porto, era raro o que importava liquidos alcoolicos, e um grande numero de pessoas dadas á embriaguez renunciaram a tão ignobil vicio.

Infelizmente, porém, a temperança não pôde fazer tão rapidos progressos na Grã-Bretanha, onde apenas contava inscriptos uns 200:000 sectarios.



O palacio do correio em Londres

A primeira pedra d'este grandioso edificio foi lançada em maio de 1824; mas somente em 1829 foi elle aberto ao publico.

A denominação ingleza d'este estabelecimento,

que é o centro de toda a rede postal da Inglaterra, é a de *General Post Office*.

Com todo o acerto foi escolhido o local do Estabelecimento na vastissima cidade de Londres,

buscando-se um ponto central, como é Saint-Martin's-le-Grand-street.

A nossa estampa representa o frontispicio do Palacio, bem como a sua elevação e fundo.

Querendo offerecer aos leitores as noticias mais seguras, e ao mesmo tempo as mais recentes, recorro á descripção que em 1861 fez M. Alphonse Esquiros, escriptor francez que melhor que ninguem conhece Londres e toda a Inglaterra.

É, diz elle, um edificio compacto, de um estylo frio e regular, com tres porticos sustentados em columnas. O portico do meio, por cima do qual ha um friso, em que se lê o nome Jorge IV (a inscripção é: «George quarto rege. MDCCCXXIX.») conduz a uma grande passagem, ou vestibulo, que atravessa todo o edificio na sua largura, e vae terminar em frente de *Foster Lane*. É nesta passagem que estão abertas as caixas para receberem as cartas destinadas para os quatro pontos cardeaes do mundo, e por detraz das caixas altas janellas que de ordinario estão fechadas. Supponhamos que são cinco horas e tres quartos da tarde: a primeira janella do lado esquerdo, situada ao pé do peristilo, e por cima da qual se lê: *For newspapers only* (unicamente para os jornaes), está aberta em todo o seu grande tamanho. A multidão que entra impetuosa, ou pela frontaria, ou pelas trazeiras do edificio, cruza-se em todo o comprimento do vestibulo, e as cartas caem como saraiva para dentro das caixas. Mas, o que mais prende a attenção, é a janella dos jornaes. O peristilo está sitiado por um bando innumeravel de *newspaper boys* (rapazes de doze a treze annos empregados no serviço dos jornaes.) Correm apressados, cobertos de suor, e aquejando sob o peso de sacos de papeis, e empurrando-se uns aos outros, apesar dos esforços dos *policemen* (agentes da policia), que diligenciavam manter uma certa ordem no meio d'aquella confusão. De instante a instante cresce a onda, porque sabem todos que o relógio do correio é fiel e inexoravel. Os jornaes, cintados, vóam como um bando immenso de pombos em torno da janella, arremessados ao ar por milhares de mãos... O dia mais notavel da semana para as cartas, é o sabbado; porque, não funcionando o correio no domingo, é na vespera que todas as casas de commercio tratam de fazer a sua correspondencia

— Basta esta descripção para se formar uma idéa approximada do movimento immenso que ha naquelle estabelecimento; o que, porém, não pôde ser sufficientemente encarecido, é a ordem e a regularidade que presidem a todos os diversos e variados ramos do serviço postal, é a boa e adequada disposição das differentes partes do edificio para os misteres do mesmo serviço.

— É curioso saber-se que a historia do *General Post Office* de Londres (estabelecido por um acto do parlamento em 1649) pôde dividir-se em tres periodos, representados por tres homens: Edmund Prideaux, Palmer, e M. Rowland Hill. O primeiro introduzio uma certa unidade no serviço postal, que até ao seu tempo estava entregue ás in-

dustrias particulares; o segundo introduzio a mala-posta, que depois viveu ainda em boa camaradagem com o *railway mail service* (postas pelo caminho de ferro), até que este o desthronou de todo. O terceiro, M. Rowland Hill, promoveu a diminuição consideravel do porte das cartas. Começou este grande melhoramento em 1840, e dez annos depois, em 1850, o numero das cartas tinha crescido, por semana, de 1,500,000, a 7,239,962.

UMA VELHA DE VINTE ANNOS

(Continuado de pag. 16)

IV

Da Cruz Alta do Bussaco desfructa-se um dos mais vastos horisontes, de que em vida minha tenho gosado, e que, no dizer do povo, abrange o territorio de sete bispados, asserção esta porventura muito verdadeira, mas que eu não tive o cuidado de verificar geographically. Mais perto vê-se o terreno pisado pelas grandes phalanges do grande capitão d'este seculo, esse terreno, onde pela vez primeira sentiu um estorvo o vôo audacioso das aguias de Napoleão. A vista deleita-se a contemplar aquella immensidade do espaço, o espirito confrange-se ao recordar alli a versatilidade das coisas humanas, que ao vencedor de Marengo e de Austerlitz preparava para mais tarde Waterloo e Santa Helena. O sitio é azado para contemplações d'esta ordem; e se os olhos se volvem para a soberba mata, a mais rica de todas as do paiz, lembram tambem aquellos austeros monges, habitadores da solidão encantada, tendo só por companheiras as arvores gigantes e seculares, as fontes crystalinas e perennes, e as cogitações dos seus espiritos, elevados ao céu como o cume dos arvoredos e transparentes e puros como os arroios murmurantes.

Em breve foi ter comigo e despertar-me das variadas meditações, que, ora poeticas ora melancolicas, se me assenhoreavam do espirito, o meu amigo Manoel de..., cuja narrativa fôra na vespera interrompida pela impertinente dança de roda que não isentava ninguem.

— Bons dias, amigo! Foi este o ponto ajustado para a reunião, mas não será aqui que eu hei de concluir-te a minha narrativa.

— Levas-me então muito longe?

— Proximo da Fonte fria.

— Permite n'esse caso um pequeno protesto do meu epicurismo, que teve a lembrança de mandar pôr um almoço na capellinha do Calvario, e depois sou todo ao teu dispôr, por todo o dia se quizeres.

— O que tenho a contar-te não leva tanto tempo. Duas paginas soltas do livro da minha vida... um episodio, que durou duas horas, e de que guardarei para sempre suave reminiscencia.

— Fallemos com franqueza! Isso é pieguice?

— O que é o amor senão uma pieguice sublime, ou uma sublimidade piegas?

— Tens razão! Tu não és já uma criança, que se prenda em sonhos phantasticos... és um homem de pensar austero e frio, velho na razão, mais do que nos annos, prudente na vida, não irias arriscar os bons creditos em que te tenho, a froco da confidencia de uma creancice. Se não é uma fascinação do espirito, se sentes e soffres

devéras, desafoga comigo que eu sei compreender-te.

— Olha, meu amigo, esta historia podia servir de demonstrar duas theses de grande alcance na vida positiva.

— Bravo!

— A primeira é que as apparencias illudem muitas vezes.

— Essa, se não fôsse axioma já na nossa sociedade, teriamos para demonstral-a exuberantemente, a virtude de muitas beatas, a liberalidade de muitos esmoleres, a opulencia de muitos capitalistas, o bem estar de muitos chefes de familia, a fidelidade de muitas esposas, a modestia de muitas donzelinhas e o arrependimento de muitos santarrões. Adiante!

— Tolhe os vãos á má lingua e ouve-me. A segunda these, aquella que mais absurda pareceria ao mundo, é que ainda hoje pódem existir amores platonicos, sem serem nas creanças.

— Nas creanças é que de certo elles não existem; hoje nasce-se com a materialidade a embalar-nos o berço e morre-se com a materialidade a cerrar-nos a campã.

— Então não acreditas?

— Se algum vislumbre ha para o espirito é só na idade da sã razão, quando o fogo das paixões mais se acalma e o doce calor das affeições meigas nos acaricia o coração.

— E isso é tanto mais verdade, quanto mais andámos no mundo de balde á procura de um carinho verdadeiro, desinteressado e puro.

— Deixemos theorias, e vamos á historia... Factos, factos! *Res, non verba*, como dizem os homeopathas.

— Nem aqui perdôas aos sectarios do Hahneman! Odio de raça! Mas vamos primeiro ao almoço, que espero não será homeopathico.

O Calvario — a maior das capellinhas espalhadas na mata do Bussaco, e onde se representavam os mysterios da paixão em figuras de barro quasi de tamanho natural e muito soffrivel. esculptura, que o vandalico fanatismo do povo decapitou quasi todas por serem representantes dos algozes do Christo — o Calvario é um outro ponto de vista d'onde a verdura variegada do cume dos arvores, quasi nivelada com a varanda que circumda a capellinha, semelha uma verde e macia alfombra, caprichosamente estendida pelos incidentes de terreno, em que a montanha desce até ao fundo da mata. Alli foi que almoçámos e d'ahi me entreguei á descripção do meu amigo, disposto a servir de confidente ao platonismo dos seus amores.

Descemos ainda mais. Abaixo da fonte de Santa Thereza e caminhando em direitura á Fonte fria, o sitio talvez mais melancolico e poetico d'aquelle recinto todo de poesia e de tristeza, encontrámos uma soberba arvore revestida de vecejante musgo, a espalhar-se pelo chão, que como macio frouxel, convidava o caminhante a espreguiçar-lhe em cima os membros fatigados.

— E' aqui, disse Manoel.

— O sitio é proprio para o descanso, respondi eu logo, repotreando-me sobre o musgo.

Então o meu companheiro desviou com a ponta da navalha parte da planta parasita, que revestia o tronco a certa altura, e disse me comovido:

— Vês esta data?

Eu, debruçando-me um pouco para não perder a commodidade da minha posição quasi horizontal, li então em letras meias apagadas ...14 de...bro de 18... e mais abaixo das 2 ás 4 da... Era tudo quanto se podia ler.

Manoel beijou respeitoso aquella data meia sumida e disse-me com dobrada commoção.

— É este o assento baptismal e o epitaphio da minha felicidade.

— *Et rose elle a vécu ce qui vivent les roses...* repeti eu machinalmente.

— Tens razão. A felicidade devia ser ephemera. Mas, como o grão de incenso que se queima n'um instante, deixou após si perfumes que hão de durar...

— Até?

— Até! Quem mede o tempo? que valem calculos em affectos d'alma... Sei eu até quando hão de durar!

— Vamos então á historia!

— Concluida a formatura em direito, e obtido o modesto lugar que occupo, tive sempre em cada um anno um mez livre para me entregar aos, para mim, apreciaveis prazeres da vida campestre. O céu puro, as flores silvestres, as arvores bem verdes, a agoa a correr, os passarinhos a chilrear formaram sempre os meus encantos. Affeição-me ao Bussaco e vim aqui todos os annos. Foi aqui que encontrei D. Maria, que vinha de Mortagoa, onde habitualmente vive, gosar a quadra dos banhos em Luso; foi ahi que lhe fallei a primeira vez e ahi que comecei a affeioar-me áquella natural e seductora singeleza:

— Muito bem, e depois?

— Depois. Um acaso fez-me estreitar mais aquella apreciavel convivencia. Haviam-lhe suscitado um pleito em Coimbra, ácerca de propriedades que alli possue; fallando-se da minha profissão de advogado, confiou-me a sua causa com uma indifferença e uma segurança, como se eu fôra um jurista distincto.

— E advogaste-a?

— E venci-a! respondeu Manoel com certo ar de triumpho. Foi d'ahi que datou a faculdade de me apresentar em sua casa algumas vezes, onde me recebia com uma affabilidade misturada de caricia que me enlevava o coração.

— E declaraste-lhe esse enlevo?

— Eu? Se eu via doudejarem em torno d'ella talentos, riquezas, posições e ella repellir tudo, que iria fazer alli a insignificancia da minha nullidade! Impuz silencio ao coração. Quiz esquecer-me de que a amava e deixei-me ir no prendimento de uma amisade tão seductora como traioeira.

— Traioeira?

— Sim, porque levava em si o germen do seu irmão gêmeo — o amor.

Oh divinos irmãos, ó par celeste

Oh santo amor, ó candida amisade!

Desculpa a citação, que me lembrou agora de Borage.

— Bem, e d'ahi?

— D. Maria pareceu distinguir-me tambem com a sua amisade e começou a fazer-me confidencias da sua vida, confidencias que eu ouvia contristado, extatico... enlevado...

— Como amigo, já se vê.

— Eu assim o pensava pelo menos. Contou-me

então a sua mocidade. Educada por sua madrinha, não conheceu a affagar-lhe os primeiros passos da vida o extremoso amor de mãe, não teve a mão de um pae a embalar-lhe o berço nem as meiguices de um irmão a confundirem-se com os primeiros brinquedos. Sua madrinha era toda a sua familia e sua madrinha era aspera e severa, fazendo pesar-lhe muito a educação que lhe dava. Aquelle coraçãozinho pequenino, assim regeitado de todos, a querer desabrochar em affectos, e sem achar quem lhe aceitasse a vida que lhe transbordava n'alma, enrolou-se sobre si mesmo, como a folha da sensitiva, se mão brutal a toca. Affeioou-se então ás aves, ás flores, ás creanças, aos pobres, a tudo quanto é fraco e precisa de abrigo, mas a tudo que não retribue a affeição que lhe consagram. Habitou-se a estimar os outros por elles e não por si, e a não esperar recompensa alguma dos affectos que offerecia. Morreu sua madrinha, tinha ella quinze annos, e deixou-a herdeira de tudo.

— Ficou rica então?

— De bens talvez, de affeições tão pobre como d'antes. Um dia sentiu o coração fallar-lhe uma linguagem nova e desconhecida ao encontrar, não sei em que casa de Mortagoa, um rapazinho, filho de um fidalgo de ao pé de Vizeu.

— Casta pura e sã a d'aquella fidalguia.

— Mas que por isso mesmo não transige em questões de coração, e que, pondo estorvos ao seguimento d'aquelles doces devaneios, obrigou o mancebo, que começava a sentir desabrochar doce calor no peito, a ir para Lisboa engolpar entre os deleites da capital as recordações d'aquella primeira impressão.

— E que resultados colheu d'ahi?

— Maria, com a mesma abnegação no amor que tivera em todos os outros sentimentos, continuou a amar sem saber se era retribuida, e quando mais tarde soube que o objecto do seu devaneio a esquecera entre os prazeres, cuja taça a devassidão começava a offerecer-lhe aos labios, soffreu e chorou!

— Pobres creanças!

— Maria reconcentrou-se de novo e mais profundamente. Tornou-se uma boa dona de casa, uma affavel amiga para as suas visinhas, uma ama adoravel para os seus creados, uma providencia viva para a pobreza, uma velha enfim em todo o pensar e em todo o sentir.

— Está decifrado o enigma.

— Ainda não! Volveram dois annos e o fidalgo de Vizeu, já então tornado homem pela escola do mundo que frequentára, regressando ao solar paterno, deteve-se alguns tempos em casa do seu parente de Mortagoa.

— E reataram-se as relações?

— Maria, louca e feliz, perdoou o passado, acreditou novos protestos, quiz com toda a virgindade do seu affecto... e colheu nova decepção. O recém-chegado não era já a creança pura e innocente que ella havia sonhado no seu scismar da juventude: era o homem vulgar e materializado, que quer comprar um goso a troco de algumas horas de fingido affecto, e, satisfeito elle, passa ávante descuidoso e indifferente,

Isto é tão vulgar, que confesso que se me não confrangeu o coração com a narrativa.. mas quando o meu amigo me ponderou com solidos

e brilhantes argumentos, que não devera ser assim a amor na juventude, em que só os instinctos bons e os sentimentos generosos deveriam predominar, concordei com Manoel que aquella pobre menina não nascera para este seculo de materialidades.

— Salvou-a do abysmo aquella esclarecida razão que lhe foi sempre pharol nos parciais da vida.. mas viu-se obrigada a desprezar o homem que amára e a não guardar sequer d'aquella affeição nem uma recordação suave.

— Deve ser horrivel isso, meu amigo! repliquei eu, e d'esta vez bem convencido. Quando depois de elevarmos pouco a pouco um esplendido templo de affeições no coração nos vemos forçados a derrubal-o de repente até aos fundamentos, e a cravar no ermo safaro um poste apenas, como monumento de odio, deve ser bem doloroso! O odio é um triste sentimento, especialmente se o votamos áquelles que já amámos! Felizes os que podem esquecer então.

— Maria porém não esqueceu, concentrou em si todas as desventuras da sua alma e debaixo da superficie serena, tranquillã e risonha da sua physionomia alegre, ruge uma tempestade indomita e implacavel.

Eu não sei se esta comparação da tempestade foi suscitada ao meu interlocutor por uma nuvem negra que se havia desdobrado sobre nós e nos mimoseava já com grossas pingas de uma chuva frigidissima. Manda a verdade que eu diga que o meu desejo era fugir logo d'alli, a abrigar-me no convento, mas o meu amigo estava preso áquella arvores. Diz a historia religiosa que S. Simeão viveu acorrentado sobre uma columna, sustentando-o as aves do céo; refere o conto de Mary que o sabio, bloqueado por o corcodilo, vivera sobre uma palmeira comendo os fructos que ella lhe offerecia e bebendo as gotas do orvalho que sobre as suas folhas chorava a aurora; pois Manoel passára de bom grado a vida na velha arvore, acorrentado, nutrido, e refrigerado pela magia d'aquella data gravada no rude cortex! A chuva porém ia apertando muito, e o meu amigo, condoído, se bem que um pouco tarde, de mim, propoz-me o recolhermos ao convento.

(Continúa)

C. B.

CONSERVAÇÃO DE COMESTIVEIS

Para se conservar uma peça de carne, sem tomar cheiro, limpe-se muito bem e metta-se depois em azeite.

Tambem se póde conservar o peixe fresco estirpando-o e mettendo-o em azeite.

Para conservar por muito tempo as aves mortas, lebres ou coelhos, estirpem-se, tire-se-lhes a cabeça, mas sem as deparar, sendo aves, deixando aos coelhos e lebres a pelle e pello—encham-se de trigo em grão, e mettam-se assim n'um montão de centeio ou de trigo em grão.

PARA FAZER REVIVER AS CORES DOS QUADROS ENNEGRECIDOS

Passe-se rapidamente sobre o quadro uma esponja molhada em acido nitroso enfraquecido, lave-se immediatamente com agua simples, e dê-se-lhe depois uma mão do melhor verniz branco.

Corte-se ao meio uma cebola branca, molhe-se em vinagre, e esfregue-se o quadro suavemente até conseguir o effeito desejado.